Inovações metroviárias

NESTOR SOARES TUPINAMBÁ
é engenheiro, mestre em urbanismo e consultor de transporte
E-mail: nstupinamba@uol.com.br

Participando da 23ª Semana de Engenharia da AEAMESP (19 a 22 de setembro), lembrei-me de um acontecimento curioso que ocorreu comigo em novembro de 2005.

Nosso gerente, o estimado Sérgio Salvadori, disse-nos que tínhamos uma missão urgente provocada por vários telefonemas vindos do "alto ao baixo clero" (eu, claro!). Do secretário ao presidente do Metrô até nosso gerente. Ofícios viriam depois. Só sabíamos que seria no novo edifício da UNIP, na Rua Vergueiro e tratava-se de inovações tecnológicas. Era a EXPOUNI com sede em Toronto, Canadá.

Eu, Nelson Nunes e o José Henrique Freitas (perdoem-me se esqueci de alguém...), formaríamos a equipe do Metrô.

Combinamos em rápida reunião o que contaríamos como novidades tecnológicas no Metrô usando o recém-acabado projeto básico da Linha 4-Amarela.

Trens sem operadores (driverless, que impressionam os usuários da Via Amarela embora também tenhamos nosso driverless já que nossos trens rodam sozinhos e só exigem ação do operador frente a alguma anomalia), portas de plataforma que evitariam quedas nas vias, estações inteligentes (iluminação, escadas rolantes que só funcionariam à chegada do usuário e o "mágico" CBTC – sinalização eletrônica que permite trens trafegando a altas velocidades e mais próximos uns dos outros).

Também os trens com bitola menor de 1,435m, com salão contínuo etc.

E lá fomos nós intrigados com o horário tão preciso: "às 13h40 vocês entrarão...".

Ao nos receberem conduziram-nos para a parte de trás do enorme palco. Ouvíamos um médico expondo as inovações da medicina: cola de ossos, cura de feridas pela crioterapia e outros.

O médico termina seu discurso e somos levados ao palco. Uma profusão de câmeras filmadoras, iluminação etc., mas um enorme auditório na penumbra e vazio. Vazio! Sentamos-nos em uma grande mesa sem deixar de olhar para aquelas cadeiras, 100% vazias. Ninguém sentado!

Sussurrei para o nosso guia e ele disse-nos, surpreso, que havia uma transmissão simultânea para todo o planeta, centrada em Toronto.

E que agíssemos como se milhares de espectadores nos vissem!

Ficamos quase paralisados, estupefatos (palavra estranha, mas que se encaixa no momento), com aquela "vacuidade".

"Não se traiam, o mundo lhes assiste, agora", disse nosso anfitrião.

Disfarçando a frustração recuperamos a calma, e o "aplomb", e começamos a abordar nosso tema.

Tentei até algumas gracinhas, uns trocadilhos, mas não houve risos, apenas aquele cenário vazio e silencioso. Senti-me um cínico já que a vontade era sair por baixo das cortinas... Cheio de dúvidas.

Verdade que expectadores nos assistiam? Onde, quantos? Havia interesse em nossas novidades? Seriam novidades para eles, fariam perguntas? Havia profissionais de transportes públicos?

Assim falamos e falamos... E quem pensa que é fácil encarar uma plateia sem olhares engana-se.

E continuando nossa "interpretação", terminamos, agradecemos e nos colocamos à disposição para perguntas. Que não existiram! Nem aplausos!

Faltaram calor humano e 1 000 rostos vendo nossa apresentação.

Lembrei-me do livro de George Orwell, o lendário *1984*! Escrito em 1948, Orwell inverteu para o que ele achou ser um longínquo futuro!

E lá estávamos nós... vigiados pelo "Grande Olho" que tudo vê e tudo delata.

Hoje somos a "Sociedade do Espetáculo". Valorizamos o show e, portanto, tudo tem que ser documentado e exibido.

No mundo inteiro temos milhões de "artefatos documentantes". São drones, câmeras de ruas, edifícios, fotografando, filmando etc. Depois somos exibidos nas desgastadas "pegadinhas" onde o lado cômico&patético de nossas vidas é exibido mundialmente nas TVs. Também criminosos, corruptos e assaltantes são pegos e crimes desvendados.

Somos discretos? Nem um pouco. O Google prepara um algoritmo que detecta por onde o usuário trafega, por quanto tempo etc.

E avalia você. Se eufórico, se gosta de roupas caras, se quer ir a um restaurante chic, se está deprimido etc.

E, em seguida, faz as sugestões de modo tão ingênuo, quanto inocente possa parecer!

Está triste? Vá ao "Picanha de Prata", reforce seu ego.

"Sente-se macambúzio? Compre roupas novas e saia exibindo-as... Vão gostar mais de você assim...".

"Tudo é mesmice. Não aguenta mais olhar para o seu chefe? Embarque num cruzeiro por mares nunca dantes navegados e volte "novo"...

Que espionagem terrível e invasora! Tenho um amigo que foi colocado numa lista de atenção de vários consulados pelos e-mails trocados daqui para Foz do Iguaçu, para nós belas cataratas, mas para outros a "Tríplice Fronteira", onde circulariam agentes do Estado Islâmico e outros que tais. Pior, se você se chamar Fuad, Hissam e trocar mensagens com Salims, Mohameds etc. Estará sob uma vigilância até que fiquem cansados de ver a tediosa vida de um engenheiro em São Paulo procurando emprego...

Um simples, e aparentemente inofensivo algoritmo – bastante usado na engenharia –, traindo engenheiros.

E lembrei-me que quando saí da minha Brotas, com 14 anos, migrando para cidades grandes, sentia muita falta do torrão natal, mas aliviava-me ter saído da mira do olhar maldoso das comadres locais.

Alegrava-me ficar incógnito em Sampa, andar sem ser reconhecido, fofocado etc.

Será que hoje, em Brotas, reina também o olho do "Grande Irmão" e, associado ao das comadres, dedando as pessoas? *1984* perde, caro George Orwell!